

# O QUE SIGNIFICA ESTUDAR O PROBLEMA DO HOMEM CONTEMPORÂNEO HOJE?

ANTONIO TADEU F. AMADO\*

*Senhor, vós me sondais e me conheceis!  
Em que lugar me ocultarei de Vosso Espírito? E para onde fugirei de vossa face? Se eu subir até os céus, ali estais; se eu descer até o abismo, estais presente. Se a aurora me emprestar as suas asas, para eu voar e habitar no fim dos mares; mesmo lá vai me guiar a vossa mão e segurar-me com firmeza a vossa destra. [Sl 139,7-8. 9-10]*

## RESUMO

Na década de 1970, o documento da área de educação do Conselho Episcopal Latino Americano (CELAM) sobre as Universidades Católicas urgia uma presença mais marcante da teologia e das ciências religiosas dentro e fora da Universidade e um diálogo com as demais ciências. Em nosso tempo, é necessário enfatizar a presença das Universidades Católicas no contexto social mais amplo, respondendo a seus desafios oriundos da situação de injustiça e das questões atuais com que a fé se vê confrontada, que exige reflexão elaborada e rigorosa. As questões presentes hoje estão na economia, ciências modernas, como a Biologia, a Cosmologia, a hipótese de vida em outros planetas, a Ecologia etc. É necessária a existência de uma disciplina que discuta o problema antropológico cristão e seus aspectos doutrinários realizando o diálogo com as demais disciplinas, não permanecendo restrita aos alunos que integram os 1º e 2º semestres acadêmicos da Universidade.

## PALAVRAS - CHAVE

homem contemporâneo, numinoso, sagrado, fé, teologia, modernidade.

\* Físico (PUCSP); Professor Titular de Física Geral; Membro do Colegiado do Curso de Matemática; Especialista do INMETRO- Área de Acreditação de Organismos de Certificação; Coordenador Técnico dos Laboratórios de Engenharia e Ciências Exatas; Membro da Equipe de Professores de Problema do Homem Contemporâneo; Universidade Católica de Santos.

## INTRODUÇÃO

**N**a origem do cristianismo, os gentios cultos se escandalizavam com os cristãos, categorizando-os como uma turba sem cultura, que adotavam uma doutrina bárbara vinda do Oriente e que se expandia por obra de charlatães.

Alguns escritores cristãos nesse período primordial como Justino, Atenágoras, Orígenes e outros se deram ao trabalho de demonstrar a congruência entre a *fé* e a *razão*. (LIBÂNIO;2010;p.62) São Justino (100 e.c – 165 e.c) fez questão de demonstrar como filósofo e cristão a aliança entre ambas. Santo Agostinho (354 e.c.- 430 e.c) gostava de considerar a curiosidade humana em querer conhecer (libânio;2010;P.63), afirmando: *Crede ut intelligas e intellige ut credas* (crê para compreender), ou seja, *entende minha palavra para crer; crê na palavra de Deus para entender* (Sermões, 43, 9). Seu itinerário intelectual e espiritual constitui um modelo válido também hoje na relação entre *fé* e *razão*, tema não só para homens crentes, mas para todo homem que busca a *Verdade*, tema central para o equilíbrio e o destino de todo ser humano. Estas duas dimensões, *fé* e *razão*, não devem separar-se nem se contrapor, mas devem estar sempre unidas. Como escreveu Agostinho após sua conversão, *fé* e *razão* são *as forças que nos levam a conhecer* (Contra Acadêmicos, III 20, 43).

Essa interrogativa é na realidade a *interrogativa das interrogativas* como afirma Mondin no prefácio de seu livro(1980), a qual é na realidade o título. De forma geral, há uma tendência para iniciar a resposta na especulação das *origens*. Alguém, no entanto já afirmou que essa tendência é um tipo *proselitismo científico, e que o importante são os pressupostos da fé.....*; uma afirmação que acaba por limitar o necessário e permanente diálogo. Então, a interrogativa nos empurra para outra questão mais ampla: *Que é o homem e que lugar e posição metafísica ele ocupa dentro da totalidade do ser, do mundo, de Deus.*(SHELER;2003)

Nosso objetivo neste artigo é fazer uma reflexão que leve a uma resposta às situações e desafios contemporâneos que interpelam a condição do gênero *homo* e o tratamento dado ao *problema do ser humano em sua essência e existência*, tendo em vista a sua dignidade fundamental e sua abertura transcendental.

### 1. O NOVO CETICISMO

O biólogo britânico Richard Dawkins, FRS, professor da Universidade de Oxford, em 2006, publicou um livro com o título *Deus, um Delírio*<sup>1</sup>, iniciando com uma indagação educada: *Será que o mundo não estaria melhor sem as religiões, ou mesmo sem fé nenhuma*. O livro de Dawkins faz parte de uma onda de manifestos que têm sido publicados, como por exemplo, o do filósofo Daniel Dennett, o do neurologista Saro Harris e até pelo crítico Christopher Hitchens, colunista da revista *ÉPOCA*. O movimento dos *novos céticos* é uma reação ao que eles veem como perigos ao mundo moderno e secular. O *primeiro* perigo seria a onda de ataques terroristas praticados por radicais islâmicos. O *segundo* perigo seria o esforço dos evangélicos americanos para ensinar o *criacionismo*, disfarçado de *design inteligente*, nas escolas. Possivelmente usou esses argumentos como uma desculpa para apresentar a *retórica do deísmo*<sup>2</sup> e a nova visão supostamente moderna, e que nada tem de moderno. Compreensivelmente essas posições, representam uma indignação sobre as decisões políticas num país onde o proselitismo religioso ocupou o lugar da liberdade do ensino científico. Seus comentários até

agressivos, mas não superaram em argumentos o escrito de J. Monod (1910- 1976)<sup>3</sup> e de tantos outros que apareceram ao longo da História.

A dificuldade de Dawkins e de muitos biólogos atuais não está na base dos problemas estudados, o evolucionismo e o criacionismo; a dificuldade em geral reside em não dominar a linguagem do evolucionismo, a *matemática do acaso*, que Albert Einstein classificava como um *jogo de dados* que tentavam impor nas teorias científicas, e detestado por ele. Provavelmente desconhecem ou esquecem a máxima célebre do escritor e poeta francês Pierre J. Théophile Gautier (1811- 1872): *O acaso é, talvez, o pseudônimo que Deus usa, quando não quer assinar suas obras*. Sobre essa afirmação o matemático inglês Ian Stewart, professor de Matemática na Universidade de Warwick vai mais adiante: *Se D'us jogasse dados, Ele ganharia, porque já sabe a resposta*.

Esse movimento dos denominados *novos céticos* tem seu início formal no séc. XVI com o Ocidente embarcando num processo de tecnização necessário que acabou produzindo uma sociedade inteiramente diversa, definindo um novo ideal para a humanidade que inevitavelmente afetou a percepção do papel e da natureza de *um Deus*.

Os séculos XVII e XVIII foram períodos dolorosos de extremismos e inquietação espiritual que espelhavam a turbulência revolucionária da esfera política e social. Os europeus nesse período começam a distanciar-se da *crença em um Deus*; assim a religião era apenas um artifício usado pelos ricos para oprimir os pobres e reduzi-los a impotência. A negação da *existência de Deus* torna-se chocante mesmo para muitos filósofos do período e a contraposição entre a Ciência e a Fé atinge sua plenitude como os *iluministas*, Voltaire e Pierre Simon de Laplace (1749- 1827) também conhecido como *Newton francês* (muita pretensão) juntamente com Denis Diderot (1713- 1784), Jean le Rond d'Alembert (1717- 1783) e Paul-Henri Thiry, Baron d'Holbach (1723- 1789), separa em definitivo a Ciência e a Fé e subvertem a tentativa dos teólogos de tentar provar a realidade objetiva de Deus (como se tal pudesse ser *experimentado* em laboratório) chegando a mesma conclusão dos místicos extremados, de que *nada havia lá fora*.

No início do séc. XIX com o *ateísmo* na ordem do dia, o conhecimento científico e a tecnologia consequentemente criavam um *novo espírito de autonomia* não deixando lugar para aceitar a *existência de Deus*. A *ideia milenar de Deus no Ocidente cristão* agora se revelava inadequada, era a *Era da Razão* e parecia ter triunfado sobre séculos de superstição e fanatismos. Aqui se revela o *problema do homem contemporâneo*, e para oferecer uma resposta a esse *problema* é necessário respondermos inicialmente à pergunta: *Quem é esse Deus?*

## 2. QUEM É ESSE DEUS?

Existe uma clara distinção entre a *crença* num conjunto de proposições e a *fé* que nós depositamos nelas. Todos os *cristãos católicos romanos* devem em sua maioria, ter tido na infância uma experiência um tanto amedrontadora, se não assustadora, com a Igreja Católica Apostólica Romana. Desse conjunto de pessoas, todos ouviram não uma, nem duas, mas várias vezes sermões sobre o *inferno*. Na verdade, falava-se mais do *inferno* do que da *misericórdia de Deus*, parecendo algo muito mais evidente do que *Deus*. *Deus* parecia e infelizmente *parece* para muitos *algo difuso* definido em abstrações intelectuais, não em algo *emanente*, como afirmado por São Paulo a respeito dos pagãos em Rm 1, 19-20: *O que se pode conhecer de Deus é manifesto entre eles, pois Deus lho revelou*. É uma definição de Catecismo<sup>4</sup> e esse mesmo Catecismo nos obrigava a decorar sobre: *O que é Deus?* A resposta que deveríamos saber para não receber o

castigo merecido e acabar não recebendo nosso *accreditation*, para cumprir a seguir a *primeira comunhão*.

Passada essa etapa da infância ao entrar na adolescência não é uma surpresa que essa “decoreba” pouco significativa tenha deixado a maioria dos adolescentes e posteriormente adultos, indiferentes por ser altamente abstrata e pouco palpável<sup>5</sup>. A visão que deveria ser da *existência de um Deus* imanente e palpável é na verdade distante. O fato de ser arrebatado pela emoção e beleza da Liturgia com o Canto Gregoriano, a leitura da Escritura Sagrada e mesmo a História da Igreja é um comportamento predominante na maioria dos católicos romanos, inclusive os que em certo momento de suas vidas fazem opção pela vida consagrada e religiosa; no entanto *Deus* continua a ser *algo distante*. Curiosamente, em muitos casos a compreensão e a interpretação dada mantém *Deus* distante e quando não, sem significado algum. É aí que *entra a desilusão e o afastamento*, pois a maioria não consegue atingir ou compreender o *êxtase dos santos*, sentindo-se um *fracassado*.

A reação nesses casos se volta para a *negação*, não da construção do pensamento humano, mas na *existência de Deus*.

A Antropologia e a Arqueologia revelaram que a nossa espécie de primatas. O *gênero homo*<sup>6</sup>, é *espiritual*. Posso afirmar que o *homo sapiens* é também o *homo religiosus*. Homens e mulheres começaram a *adorar deuses* assim que se reconheceram como *humanos* criando obras de arte e uma *consciência religiosa*<sup>7</sup>. Tais crenças primitivas exprimiam a *perplexidade* e o *mistério* que parecem um componente essencial da experiência humana neste mundo belo, mas ao mesmo tempo aterrorizante. O *misticismo* e a arte constituem uma tentativa de encontrar o *sentido e o valor* na vida apesar do sofrimento.

Dessa forma parece que a *concepção da divindade* é um produto de nossa imaginação criadora, como a arte, a poesia, a ciência. Mas o que é essa *concepção da divindade, a realidade última*, o espírito que transcende o mundo material, o transcendente, *essa ideia de um Deus presente na história humana?*

## i) O numinoso<sup>8</sup>

No *princípio* os primatas humanos *não criaram*, mas a partir de sua experiência do mundo em que viviam, *experimentaram* a *sensação* do estar cercado pelo invisível, o *numinoso*, como define Rudolf Otto em seu livro *A ideia do sagrado* em 1917. (OTTO; 2007;p.37)

Detectar e reconhecer algo como sendo *sagrado* são, em primeiro lugar, uma avaliação peculiar que nesta forma ocorre somente no campo religioso. Embora também em tantas outras áreas como a Ética, por exemplo, não é daí que provém a categoria do *sagrado*; sendo um elemento bem específico que foge ao acesso racional, sendo algo *inominável* ou *inefável* na medida em que foge totalmente a *apreciação conceitual*. E. Kant (1724-1804) considera a *vontade santa* aquela impelida pelo *dever*, o que obedece a *lei moral*.

Habitamos a usar a palavra *sagrado* num sentido derivado como *atributo moral* como perfeitamente bom. Conclusão: *o que temos é somente a vontade moral perfeita*. É nesse sentido que se fala em *dever sagrado* ou *santa lei* mesmo quando se quer afirmar que não é nada mais do que sua necessidade prática, seu caráter normativo geral.

Estou querendo afirmar é que o *elemento* que está vivo em todas as religiões constitui seu mais íntimo cerne, sem o qual não seria religião. A questão é que para nós *santidade* tem conotação moral, sendo necessário, portanto usar uma palavra que designe *sagrado* sem o aspecto moral e, sobretudo, seu aspecto racional. A tradição judaico-cristã apresenta uma designação própria: *kadosh* (santo no hebraico e suas variantes, *kadesh* significa sagrado, *kidush* significa

santificação, ou consagração), *sanctu* no latim e ágios (sagrado ou santo no grego). Nesses três idiomas encontramos nessas palavras e seu significado o ápice do desenvolvimento e a maturidade da ideia para designar o *Bem absoluto*. *Santo* é a palavra que traduz esse significado.

Portanto, esse senso do *numinoso* é fundamental para a compreensão que precede qualquer necessidade de explicar as *origens* ou de encontrar uma base para a conduta ética, atuando no *homo* de modos diferentes: infundia pavor, respeito e humildade e uma calma profunda na presença da *força misteriosa inerente a todo aspecto da vida*. Essa *experiência* leva a uma compreensão maior, embora primitiva de um conjunto de tentativas para descrever metaforicamente uma realidade demasiado complexa e fugidia. Essas formas de verbalização da percepção humana, esse estado psíquico de solene devoção e *arrebatamento* que nada tem em comum com os estados de conhecimento moral quando contemplamos e praticamos uma boa ação, essas *forças poderosas*, mas *invisíveis* levaram a criação de *mitos*, *adoração de deuses* para explicação literal dos fenômenos naturais, pinturas rupestres, representações artísticas dessas divindades como *panteões* e *templos* para realização de sacrifícios. (OTTO;2007;p.41) É um *sentimento confesso de dependência* que além de ser mais do que sentimentos naturais de dependência é qualitativamente diferente, ou seja, é o *sentimento de criatura* que se desvanece em sua nulidade *perante o que está acima de toda criatura*.

Karen Armstrong considera que os povos primitivos acreditavam que só *participando* da vida das divindades se *tornariam verdadeiramente humanos*; daí a concepção existente de que *os deuses ensinaram aos homens* a construir cidades, templos, simples cópias de suas moradas no *reino divino*, a compreender os fenômenos naturais e foram sendo desenvolvidas as chamadas *cosmogonias evolutivas*, onde uma das mais primitivas em explicar a *origem do Universo*, das faunas, a distribuição e diversidade das formas no espaço e no tempo e sintomaticamente ocupar-se com o problema da *origem das espécies*. Essas concepções tomaram forma na antiga *Mesopotâmia*. (ARMSTRONG; 2008; p.18).

Dessa forma o *mundo sagrado dos deuses* não seria apenas um *ideal* a que homens e mulheres deviam aspirar como protótipo da existência humana; o *mundo* seria uma réplica de alguma coisa do *mundo divino*. Portanto, como parte da resposta, podemos afirmar que *o aspecto mais sublime da dignidade humana está nesta vocação do homem à comunhão com Deus*. (JOÃO PAULO II;2000;p.21)

Essa percepção ou *compreensão* primitiva deu forma a *mitologia*, ao *ritual* e a organização social da maioria das culturas antigas, mas ainda continua a influenciar as *sociedades mais tradicionais de hoje* [ELIADE, 1992]. Esse *sentimento de criatura* é um efeito colateral subjetivo acompanhado de um *receio* que se deve *em primeiro lugar e diretamente a um objeto fora de cada um de nós*. Esse é o *objeto numinoso* que surge na *psiché* como um reflexo; ao *medo* prevalece uma respeitosa familiaridade. Não é do *temor natural* nem de um suposto *medo do mundo*, isso porque o *medo comum e natural* não é um *assombro*, uma primeira excitação e pressentimento do *misterioso*, que inicialmente na forma é o *inquietante misterioso*, uma primeira valoração segundo uma categoria fora dos âmbitos costumeiros. Esse *assombro* só é possível para a pessoa na qual despertou uma predisposição psíquica peculiar e distinta. (OTTO;2007;p.47) Esse *receio numinoso* é uma característica peculiar da chamada *religião dos primitivos*, um tipo de sentimento ingênuo e rudimentar, produzindo *fantasias* que posteriormente são superadas e expulsas pelos estágios e formas mais desenvolvidas daquele *impulso misterioso* que neles se manifestou pela primeira vez de forma rudimentar, que é o *sentimento numinoso*.

## ii) O receio numinoso e a aurora do homem

Os conflitos no imaginário da *psiché* levaram a conceber uma *relação mística*, a partir de um comportamento instintivo, por exemplo, como aquele que os nossos antepassados primitivos viam na Lua Cheia a *causa do pânico* ao pensarem que ela servia para enfurecer os animais levando-os a acreditarem na *relação mística* entre o aparecimento da Lua no céu noturno e o comportamento dos animais, comprovada por uma frase contida nos escritos dos astrônomos -astrólogos caldeus (DREYER;1906): “Se a Lua não espera o Sol e desaparece, haverá fúria de leões e lobos(...)”.(LOPEZ;1978)

O fato é compreensível, pois realmente a Lua *não espera* o Sol, pois ela se põe antes do amanhecer; então o momento exato do plenilúnio ocorre durante o dia, quando o nosso satélite está oculto; assim, o fato dessas irregularidades aliam-se ao seu aspecto sempre mutante é que sugere a eterna luta entre a vida e a morte, além dos misteriosos eclipses. Esse é um exemplo das formas de *divinização* dos objetos e fenômenos naturais (aqui no caso os corpos celestes) pelas antigas civilizações.

Em sua forma mais primitiva, o *misticismo* (ou arquétipos místicos) deificou a Lua, o Sol e os cinco planetas (astros errantes) conhecidos, na realidade observáveis a vista desarmada, cujos nomes mostram claramente esse aspecto da *deificação* (os nomes atualmente usados representam os *deuses da mitologia grega*): Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno. Todas as cidades babilônicas tinham seus arquétipos nas constelações: *Sippara* em Câncer, *Nínive* na Ursa Maior, *Assur* em Arcturo, etc. Sennacherib mandou construir Nínive de acordo com a *forma delineada* a partir de eras distantes, pelos textos do paraíso das estrelas. (BURROWS;1935;p.22) Desde o alvorecer consciente do homem, seu desenvolvimento procura compreender a Natureza confrontando a magia, o misticismo e as visões míticas. Embora isso possa parecer estranho, mas eram formas de compreensão ou de expressão da síntese do mundo natural e seu relacionamento com o homem.

Assim, os *fenômenos naturais* do mundo físico eram relacionados com o *mundo dos espíritos*, e se desenvolviam procedimentos para lidar com ambos os mundos. Segundo Mircea Eliade (1907-1986), nas sociedades arcaicas e tradicionais o mundo é concebido como um *microcosmo*, em cujos limites começa o domínio do desconhecido. De um lado, existe um *espaço cosmicizado*, uma vez que é habitado e organizado, de outro lado, fora desse espaço conhecido, existe a região desconhecida e temível dos demônios, dos mortos, do estranho, ou seja, o *caos*. (ELIADE;2002; p.34, 2002)

Esse tipo de identificação permanece nas civilizações mais evoluídas do passado como as da Mesopotâmia, Egito e China. Pelo fato de atacarem e colocarem em perigo o equilíbrio e a própria vida do território habitado e organizado, os inimigos eram identificados com as *forças demoníacas*, pois tentavam unificar esse microcosmo ao estado caótico. Hoje em dia ainda existem essas imagens quando se trata de definir os perigos que ameaçam um determinado tipo de grupo humano. No todo, essas expressões significam a abolição da ordem, de um Cosmos, de uma estrutura; redirecionando ao caótico. Nos *mitos* mais antigos da criação, os criadores são as *potências da Natureza*. Quando nossos antepassados começaram a criar seus mitos e a adorar seus deuses, não tinham como objetivo a busca de uma explicação literal para os fenômenos naturais; mas com suas histórias, pinturas rupestres e esculturas simbólicas, nossos antepassados procuravam expressar sua *perplexidade* (seu assombro), incorporando esse *mistério* em suas vidas.

Por exemplo, no período paleolítico oriental, quando a agricultura estava sendo desenvolvida, o culto (ARMSTRONG;2008;p.17) a *deusa Mãe* expressava a percepção de que a

*fertilidade* que transforma a vida humana *era de fato sagrada*. Arqueólogos têm encontrado várias formas dessa divindade, que em geral é representada por uma mulher nua e grávida. No Oriente Médio, entre os povos sumerianos, era chamada de *Inana*, na Babilônia como *Ishtar*, e no Egito *Isis*. Essas histórias evocativas de *deuses e deusas* ajudavam as pessoas a verbalizar sua percepção das forças poderosas, mas invisíveis que as rodeavam. Nossos antepassados acreditavam que somente participando dessa *vida divina* se tornariam humanos de verdade. A vida terrena era por demais frágil, porém se imitassem as ações dos deuses homens e mulheres partilhariam em certa medida, seu poder maior e sua maior eficiência.

Portanto, numa visão progressiva proveniente de tradições sedimentadas cuja história desordenou os estratos até fazer surgir uma forma inédita, *uma espécie de invenção coletiva* sempre em relação ao contexto. As histórias contadas e recontadas, adaptadas e reinterpretadas, recebiam um novo contesto e adquiriam um novo significado.

Dessa forma, os primatas humanos, homens e mulheres, *compreenderam a existência da Causa Primeira, Deus, o Senhor do céu e da terra*. Não sendo representado por *imagens*, não tinha *templos* nem tampouco *sacerdotes a seu serviço*; pois era *excelso demais* para um inadequado culto humano<sup>9</sup>.(SCHMID;1912; Originalmente, parecem ter reconhecido apenas uma expressão da *Divindade Suprema*, que criara o mundo e governava de longe os assuntos humanos. A crença nesse *Sumo Deus* (possivelmente como *El*, o *Deus Alto* de Canaã<sup>10</sup>, já que está relacionado ao céu), ainda é uma característica da vida religiosa de diversas tribos africanas.(SCHMIDT;1912) Eles *anseiam por Deus* nas preces. Acreditam que *Ele os observa e punirá as más ações*. Contudo, estranhamente, está ausente de suas vidas diárias: não tem culto especial e jamais é representado em alguma efigie.

Na teoria de Wilhelm Schmidt(1912), nos tempos antigos, o *Sumo Deus*, por ser *excelso* demais, *inacessível*, *inexprimível* e *inexplicável*, estando estranhamente ausente de seu cotidiano, foi compreendido como *inexistente*, substituído pelos *deuses mais atraentes*, ou *espíritos e divindades* mais atraentes e acessíveis.

A evidência do único *Deus Supremo* tendo atributos idênticos às características de *Deus* tal como descritas na Bíblia, eterno, onisciente, compassivo, justo e onipotente.(BIBLIA HEBRAICA;2006;p.20) Na maioria das culturas ele é o *grande Criador*. É digno de nota que, em algumas tribos, seu nome é simplesmente *Eterno*, que pode ser identificado como nome de *Deus* no Antigo Testamento na Bíblia Hebraica: “*E a Shet também nasceu um filho, e chamou seu nome Enosh. Foi então que se começou a invocar o Nome do Eterno (YHWH)*”. (BIBLIA HEBRAICA;2006;p.14)

O primata humano (humanidade), *enxergou seu Deus* a partir da experiência da própria existência que ultrapassa a si mesma apontando para alguma forma, mesmo que disfarçada, para alguma coisa totalmente diferente, se apresentando de duas formas, o *portador da salvação* antes do *criador* em termos de importância e não cronológica. (RATZINGER;2005; p.77) Trata-se de um processo complexo, como resumidamente tem sido exposto, tão complexo como a existência humana. Esse *Deus* não pode ser visto como o *tapa-buraco* colocado nos limites de nossas possibilidades que só é lembrado quando nós mesmos estamos numa situação sem saída. O *encontro* não pode ocorrer no lugar de nossas dificuldades e do nosso fracasso, mas em meio da plenitude das coisas de nossa vida, porque tanto uma como a outra remetem a um *Deus* que não é uma escapatória nascida de nossas necessidades, que se torna supérflua a medida que se ampliam os limites de nossa capacidade.(RATZINGER;2005;p.77) Pode ser a plenitude do *amor* e do *encontro com o outro* que faz esse primata humano experimentar o dom daquilo que ele próprio não foi capaz de atrair ou de criar, percebendo-se que está recebendo mais do que ambos poderiam proporcionar..(RATZINGER;2005;p.80)

*Senhor, vós me sondais e me conheceis! Em que lugar me ocultarei de vosso espírito? E para onde fugirei de vossa face? Se eu subir até os céus, ali estais; se eu descer até o abismo, estais presente [Sl 138 (139),7-8]*

### iii) Serei o que serei!

Ao falar desse *Deus Supremo*, não é possível imaginar como uma *invenção* que tribos nômades e seminômades, que viviam na região do *Levante*<sup>11</sup>, se reuniram, um dia, num oásis, para *criar seu deus* que mais tarde alguns *escribas* forjaram integralmente como um *deus tutelar*. O que ocorreu foi uma construção progressiva iniciada a partir de uma aparente confusão formada pela diversidade extrema que pode ser reduzida a três concepções básicas: *monoteísmo*, *politeísmo* e *ateísmo*<sup>12</sup>. A profissão de fé que afirma *Só há um Deus* é um programa de importância política decisiva, justamente por não conter nenhuma intenção política. Seu caráter absoluto confere ao indivíduo por parte de *seu Deus* e o caráter relativo de todas as organizações políticas diante da unicidade do *Deus* que as abrange, faz com que ela seja a única defesa definitiva contra o poder coletivo e a anulação fundamental de qualquer pensamento exclusivista na humanidade em geral. Não se trata de uma simples manifestação autossuficiente que pode ser explicada por razões filosóficas, antes é a percepção de quanto o *amor* depende do contexto da *fé num Deus único*.(RATZINGER;2005;p.84)<sup>13</sup>

Numa perspectiva meramente histórica a nova religião do *Deus único* não se consolidou com tanta facilidade. Envolveu tensão, violência e confronto, levando uma renúncia aos deuses vizinhos de uma população autóctone formada por uma espécie de confederação clânica e tribal, reunindo grupos que pensavam provavelmente já pertencer a um mesmo conjunto ético; praticando uma cultura material distinta e com uma pecuária também distinta (por exemplo, a ausência da criação de porcos), firmes em sua profissão de fé, se opondo as construções ideológicas a serviço de uma ideologia segregacionista. Esse grupo constitui uma coalizão de *clãs de Israel e Judá*<sup>14</sup> ou *tribos israelitas*, se tornando um *povo* a partir do *Deus único*, ou seja, que tomou consciência de si apenas a partir de um *chamado da esperança* expressa no *nome de Deus*. O encontro entre esse grupo e *seu Deus* (YHWH) se reflete na história da *revelação do Sinai* em Ex 19; 24, tendo aparentemente um *santuário no deserto*, sendo compreendido como um *deus guerreiro e terrível*. O Salmo 82 (salmo de Assaf) (BÍBLIA DE JERUSALÉM; 1980; p.729) reflete um confronto transcendente desse *deus guerreiro e terrível* sobre as velhas divindades:

*Deus (YHWH) se levanta no conselho divino, em meio aos deuses que ele julga: Até quando julgareis injustamente, sustentando a causa dos ímpios? Protegei o fraco e o órfão, fazei justiça ao pobre e necessitado, libertai o fraco e o indigente; livrai-os das mãos dos ímpios. Eles não sabem, não entendem; vagueiam pelas trevas; todos os fundamentos da terra se abalam. Eu declarei: Vós sois deuses, todos vós sois filhos do Altíssimo (El Elyon); contudo morrereis como um homem qualquer, caireis como qualquer um dos príncipes. Levanta-Te, ó Deus (YHWH) e julga a terra, pois as nações todas pertencem a Ti.*

O autor do Salmo descreve YHWH não só condenando a morte seus semelhantes divinos como usurpando a prerrogativa tradicional de *El*<sup>15</sup> que aparentemente ainda tinha defensores entre o povo.(ARMSTRONG;2008;p.72) Sendo YHWH explicitamente conhecido do grupo a quem se dirige diretamente o Salmo, o hagiógrafo não precisa apresentar explicações sobre quem é YHWH. Mas quem é YHWH? Seria o nome do *Deus único*?

Para o israelita, o *nome* é sempre algo profundo e misterioso; é o símbolo do ser que é nomeado. *Nomear* é conhecer a fundo, dominar. Ratzinger(2005;p.99) mostra o sentido existente em falar num nome de *Deus*, considerando a diferença fundamental entre a in-

tenção visada por um *conceito* e a intenção envolvida no *nome*. O *conceito* visa conhecer a *essência*, como é em si. O *nome*<sup>16</sup> ao contrário, não questiona a *essência*, ou seja, como é que ela é independentemente de mim; o *nome* faz com que seja possível uma *designação* invocável, caracterizando-se assim a possibilidade de uma *interação* ou *relação*; tem assim uma *finalidade* de criar uma relação com a pessoa para *tornar-se acessível*. O *nome* significa e cria, portanto, entrosamento e inclusão na estrutura das relações sociais, *conferindo a um ser* a qualidade de poder ser chamado, o que faz com que se *estabeleça a coexistência com aquele que o chama pelo nome*. Mostra, portanto, essa reflexão, o que significa falar no *nome de Deus*, uma intenção bem diferente do objetivo do filósofo que procura o conceito de *supremo*. O conceito é resultado da reflexão que quer saber o que é esse *ser supremo* em si mesmo.

Com o *nome* é diferente. Se *Deus* se dá um *nome*, isso não expressa explicitamente a sua *natureza interna*, mas quer se tornar *nomínável*, expondo-se aos seres humanos para que estes possam interagir; entrando em coexistência com eles emergindo de um *tesseracto extradimensional*, podendo ser contatado e estando presente através da *dimensão temporal*. O elemento do poder supratemporal é a característica desse *Deus*<sup>17</sup>; ele se concentra com ênfase na *ideia do ser*, tão misterioso quanto profundo:

*Moisés disse a Deus: Quando eu vier aos filhos de Israel e lhes disser: O Deus de vossos pais enviou-me a vós- eles dirão para mim: Qual é o Seu Nome? – o que direi a eles? E Deus disse a Moisés: Serei (Eu Sou) o que serei (é) (Ehyeh Asher Ehyeh). E disse: Assim dirás aos filhos de Israel: Serei (Eu Sou) enviou-me a vós. E Deus disse ainda a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: O Eterno (YHWH), Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó, enviou-me a vós.(BIBLIA HEBRAICA;2006;p.63)*<sup>18</sup>.

Os elementos do caráter pessoal, da proximidade, da invocabilidade, da acessibilidade, que se concretizam e resumem na atribuição de um nome, pronunciada na ideia do *Deus de seus pais, de Abraham, de Isaac e Jacob*, concentrada depois na ideia do *Deus de Yeshua* (Jesus , o Cristo); tratando-se do *Deus* dos seres humanos, do *Deus* com rosto, do *Deus* pessoal, a quem se dirige o contato, a escolha e a decisão da fé.(RATZINGER;2005;p.101)<sup>19</sup>

### 3. O HOMEM DIANTE DA QUESTÃO DE DEUS.

Uma das características de todo saber humano é que tem como ponto de partida as realidades sensíveis. A História se tornou, assim, na atualidade a melhor fonte de conhecimento do humano e de tudo o que lhe diz respeito. (CATÃO;2009; p.50) O *Deus de Abraham, de Isaac e Jacob* se fez história e veio de encontro a nossa realidade humana propiciando um *salto de fé*. Para compreender corretamente uma doutrina do passado, é necessário que estar inserido no seu contexto histórico e cultural.

A *fé* por sua vez só pode se desenvolver a partir da *História da Revelação* e de toda a história denominada *judaico-cristã*, revelando os múltiplos e diversos aspectos que se reveste a *vida espiritual* e de modo específico a *vida cristã* com uma experiência centrada em *Yeshua* (Jesus , o Cristo) na obra salvadora de *Deus* através da história; esse *Yeshua* (Jesus) que nasce como membro do *povo da aliança*, é judeu e participante da *esperança*, costumes e cultura do seu povo que estava à espera do *Messias prometido*. Naturalmente, cresce nele a *consciência de ser o Messias* anunciado, o *Filho do Deus de Abraham, de Isaac e Jacob*, investido de uma missão divina como *profeta do Reino de Deus*, anunciado a *salvação gratuita* da miséria humana (compreendida aqui em todos os sentidos) oferecida a todos os que nele creem, mas ao mesmo tempo *denunciando* as restrições e mecanismos que se opunham a essa mensagem de uma *vida*

*plena e livre* (não libertinagem) da qual o *humano*, como afirmava Libânio (1932-2014), debate-se entre a vontade de se construir e a *tentação de abdicar* dessa *liberdade* confiando-a a outro. (LIBÂNIO;2010;p.22) A modernidade tem submetido as pessoas a movimentos contraditórios, acelerando o nível de consciência, de liberdade, de vontade de decisão, de autonomia e de independência; ao mesmo tempo que, inibe as possibilidades de decisão, erguendo muros intransponíveis de um sistema econômico, político e social rígido e avassalador, privando o *humano* de seu principal valor, de sua maior conquista: *ser livre*.

Há um medo dessa *liberdade* frente as diferentes realidades, diante das quais se deve situar. Nesse caso ou a *liberdade* se anula, trazendo a submissão ao outro (como, por exemplo, a escravidão, fanatismo religioso, etc), ou destrói a realidade diferente, não suportando o *direito do outro*,  *julgando o diferente* e por medo do diferente acaba por atentar contra a vida. No entanto a *liberdade* é uma consequência de nosso *livre-arbítrio* (que não pode ser confundido com desrespeito e falta de educação)<sup>20</sup>; é a possibilidade da escolha que de uma forma radical é a escolha *da vida e felicidade ou da morte e infelicidade*.(STORNIOLO,BALANCIN;2008) Em Gn 30, 19 – 20 é apresentada uma opção que não faria sentido, ou até mesmo seria cruel<sup>21</sup>, se nós não tivéssemos *livre-arbítrio*:

[...]Escolhe, pois, a vida para que vivas tu e a tua descendência, amando a Yahweh teu Deus, ouvindo à sua voz e apegando-te a ele. Porque disto depende tua vida e o prolongamento dos teus dias.

Por outro lado, essa *escolha* reflete a *responsabilidade moral humana*, um problema enfrentado por cristãos (igualmente por judeus e muçulmanos) em sua compreensão de um *Deus* onipotente e onisciente. Ninguém consegue escapar da *dúvida*, nem da *fé*; para um, a *fé* é a defesa para a *dúvida*, e para outro, a *fé* está presente pela *dúvida* e na forma da *dúvida*. Mas é justamente a *dúvida* é quem nos preserva da reclusão exclusiva no *próprio Eu* impedindo o fechamento; impedindo aquele que tem *fé* na aceitação para aquele que duvida e por outro lado também leva a aceitação de quem duvida para aquele que tem *fé*, pois para um, a *dúvida* é a maneira de participar do destino do incrédulo, para o outro é a forma que a *fé* encontra para continuar sendo um desafio para ele, como afirma Ratzinger.(2005;p.16)

Essa atitude de *fé* fruto da *escolha* acaba por se tornar um empreendimento, se manifestando como uma verdadeira aventura frente a *dificuldade de crer característica do homem de hoje*, o abismo entre o passado e o agora, o *visível* e o *invisível*. Ratzinger (2005;p.40) considera que o *paradoxo inerente à fé em si*, acaba sendo aprofundado pelo fato de que a *fé* se apresenta identificada com o passado, com a roupagem do passado. Na verdade, não deixa de ser o passado se apresentando como atual, uma tentativa de atualização presente no *aggiornamento* presente principalmente no cristianismo; mas não é coisa do passado, embora possa parecer ofensivo já que pretende exigir nos dias de hoje um *comprometimento* com o passado que é *declarado como eterno*. Que estaria disposto hoje na sociedade a esse tipo de *declaração* onde a ideia da *tradição* modernamente foi substituída pela ideia de *progresso* e nesse caso a *tradição* é o que não serve mais e está apenas no passado ao contrário do *progresso* que representa a *evolução do humano*.

Não há como reinterpretar a *tradição* com uma nova roupagem de *progresso*<sup>22</sup>, pois ela significa a *força propulsora* do sentido da *fé*. Parece refletir que a ideia de *Deus* alimentada durante séculos no Ocidente principalmente, tornou-se desastrosa e inadequada. A Era da Razão parece ter triunfado pois a interpretação bíblica literal tornou a *fé* de muitos, estritamente entre cristãos, vulnerável a crítica e às descobertas científicas que vem ocorrendo desde o séc. XIX; acusados de alienar as pessoas de sua humanidade e suas paixões com um *ascetismo* de

negação da vida. Na concepção de Sigmund Freud (1856 - 1939) a crença em *Deus* é uma ilusão primitiva que indivíduos maduros deveriam abandonar.

A *fé*, estritamente a *fé cristã*, vive uma *tensão* com a dimensão religiosa, sentindo uma profunda atração pela experiência religiosa; no entanto toma distancia dela adotando um *cristianismo sem religião*. Essa contradição, fruto de teorias ou ações, confronta a irrevogável positividade da *religião cristã*, pois a *fé cristã* não se preocupa apenas com o eterno, fora do mundo humano e do tempo, antes ela tem relação direta com o *Deus* que está dentro da história, com *Deus conosco*.

Infelizmente essa *revelação radical* que fundamenta a *fé cristã* tem uma estranha ambiguidade, pois num primeiro momento essa *revelação mais radical* e que de fato continua sendo para sempre a *revelação por excelência* transformou-se num obscurecimento e ocultação extrema. Aquilo que inicialmente parece levar-nos bem perto de *Deus* a ponto de podermos toca-lo como um semelhante nosso, alguém a ser seguido de perto, justamente isso se transformou num sentido profundo em *pressuposto da morte de Deus*, tão perto de nós que podemos mata-lo, deixando de ser *Deus* para nós.

A *revelação cristã* nos deixa tão desconcertados que nos leva a fazer comparações com *cosmovisões* (MONDIN;1980;p.218)e questionar se não teria sido mais simples permanecer no *eterno-oculto*, confiando-nos a ele na meditação e em nossas aspirações, receber o *mistério eternamente incompreensível* de serena contemplação (RATZINGER;2005;p.43), reduzindo *Deus* a um *ponto fortuito na História*, ou seja a *salvação do homem e da humanidade*, o *escândalo cristão* que para ser contornado recorre a rodeios e subterfúgios teológicos que não incomode ninguém, como por exemplo, *ressurreição* significaria apenas que com persistência devemos enfrentar *ressurgindo a cada novo dia* para enfrentar a construção do futuro; dessa forma evitando o *escândalo*. É uma *fé cristã* operacional, uma interpretação *vazia da realidade*, um sinal da falta de coerência perante o *questionamento não cristão*, cuja *negação* é tão incomoda quanto a *afirmação cristã* é incomoda na mesma dimensão.

#### 4. COMPREENDENDO A REALIDADE.

A Revolução Francesa deixou sequelas profundas no catolicismo, criando um espírito antirrevolucionário entre os católicos além de coloca-los na contramão da modernidade (MATIOS;2006;p.75), encontrando apoio nas forças sociais reacionárias, ainda ligadas ao *Ancien Régime* (o regime de classes privilegiadas, vigente na França até 1789)<sup>23</sup>. Em 1816, no congresso de Viena essas tendências resultam em restauração de sistemas políticos anteriores. De frutos exíguos pelo fato de contradizerem conquistas históricas irrevogáveis, tais como liberdade e democracia. É exatamente o *liberalismo* que defende tal causa e não abre mão das vitórias obtidas, vê principalmente no cristianismo católico um grande obstáculo ao progresso da sociedade, uma força retrógrada que mantém os cidadãos num estado de inferioridade e de imaturidade

O conceito de *liberalismo* não é simples, mas ele se refere fundamentalmente à liberdade que abrange todos os campos da atividade humana, um conceito típico do *iluminismo* do séc XVIII, não sendo aceito um estado com ordenação sociopolítica baseado em normas e princípios de uma determinada religião e critica de forma severa a aliança Igreja- Estado, aliança essa indigna da democracia. Por outro lado, exige uma economia de estado onde o indivíduo tenha *completa liberdade sem nenhuma intervenção do estado*, o famoso *laissez faire, laissez aller, laissez passer* (literalmente *deixai fazer, deixai ir, deixai passar*) cuja consequência é o despotismo econômico e financeiro dos fortes (os novos ricos) em detrimento a sociedade como um

todo, cada vez mais empobrecida, devido ao sistema elitista e que provoca por consequência a exclusão social. (MATOS; 2006; p. 76)

A causa desses grupos marginalizados e oprimidos, escravizados pelo sistema, foi o objetivo primário do *socialismo*<sup>24</sup> cujas origens estão na Revolução Francesa e nas mudanças trazidas pela Revolução Industrial, apesar de existirem precedentes em movimentos e ideias anteriores. Os socialistas utópicos encontram sua expressão máxima em Karl Marx (1818- 1883) e Friedrich Engels (1820- 1895) cuja proposta como uma *experimentação científica* ficou bem conhecida como *comunismo*, para derrubar o *capitalismo liberal* mediante uma transformação das estruturas sociais. A suposta emancipação do proletariado constitui a meta do *comunismo*, manifesta já no primeiro encontro da Associação Internacional dos Trabalhadores (Internacional Socialista) em 1864 sob o lema *Trabalhadores Uní-vos*. Se tornou símbolo da luta de classes e influenciou as ideias de milhões de trabalhadores ao redor do planeta<sup>25</sup>. Com afirmações como: *Religião é ópio para o povo*, contribuindo para anestesiar as aspirações de liberdade e emancipação, *Deus* é uma projeção do ser humano e a *Bíblia* um livro de fábulas para enganar a humanidade na sua busca de respostas para interrogações existenciais. O *positivismo filosófico* (a verdade só pode provir do conhecimento experimentado), o *agnosticismo* (a verdade absoluta é inacessível), o *relativismo* e o *laicismo* apresentam-se como disposições desse novo espírito, *as novas verdades*, sendo características dos espíritos evoluídos, dispensando as referências transcendentais e sobrenaturais opondo-se firmemente e sistematicamente a interpretação religiosa da vida<sup>26</sup>.

As *novas ideias* advindas da Revolução Francesa sensibilizaram grupos católicos (MATOS; 2006; p. 77) que consideraram perfeitamente aceitáveis para um cristão a *liberdade de opinião*, *de associação*, *de consciência* e *de ensino*; e como uma reação às encíclicas *Mirari Vos*, do Papa Gregório XVI e *Quata cura*, do Papa Pio IX, além de sua lista condenatória dos erros do nosso tempo, *Sillabo* (um apêndice da encíclica<sup>27</sup>), aguça ainda mais o espírito anticlerical. As encíclicas e o *Sillabo* não condenam necessariamente as liberdades modernas em si mesmas, mas o contexto histórico-filosófico no qual em geral estavam inseridas além da pretensão de fazê-las derivar da negação da ordem sobrenatural.

Essa *ruptura entre fé e modernidade* é um dos maiores dramas ocorridos no séc. XIX, fechando-se ao entendimento com a modernidade e com o mundo científico<sup>28</sup>; pior, afastou-se da reflexão sobre o efeito colateral do capitalismo se expandindo de forma selvagem: as massas de operários mantidas a margem do bem-estar e sistematicamente explorada. As correntes antiliberais com suas tendências centralizadoras encontram respaldo no Concílio Vaticano I (1846 a 1878) onde fica definido o *duplo dogma* do primado universal de jurisdição do Papa sobre toda a Igreja e a *infabilidade* em definições de *cathedra* sobre questões fundamentais em matéria de fé e de moral.

Essa posição *dogmática* convencionalmente compartilhada por crentes não *fundamentalistas*, aproximou novamente a Igreja do *fundamentalismo* islâmico e judaico com a probidade agressiva usando *Deus* como esteio de seus amores e ódios dos praticantes escrupulosos dos ritos religiosos, no entanto denegrindo pessoas e grupos diferentes, de etnias diferentes e ideologias diferentes pactuando com um sistema social injusto. Esse *conservadorismo cristão católico* da mesma forma, partilhou do esquecimento do *Deus da Compaixão* que exige *caridade* (não paternalismo), *misericórdia* e não sacrifício em que a *observância dos rituais* de nada valem se não for acompanhada da *caridade*.

Embora alguns afirmem que não, a Igreja é pioneira no encaminhamento de uma solução duradoura para as *questões sociais*. O *cristianismo primitivo* estava fundamentado na concepção de que a *convivência baseada do mandamento do amor* pregada por *Jesus o Cristo* (Yeshua

Hamashia); conseqüentemente dirige a sociedade para uma *nova forma de organização social* como está bem registrada em Atos dos Apóstolos, At 2, 42- 44: *Eles se mostravam assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações... Todos os fiéis unidos, tinham tudo em comum; vendiam suas propriedades e os seus bens e dividiam o preço entre todos, segundo as necessidades de cada um.* Em At 4, 32-34: *A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava seu o que possuía, mas tudo era comum entre eles.* Era a fé que os compelia a esse comportamento despojado e efetivo dos bens e não as posições filosóficas e políticas impostas.

A Igreja, no entanto, no final do séc. XIX mostra que não estava omissa ao grave problema das *questões sociais* havendo um aprofundamento na reflexão da *causa operária* e claro no cristianismo primitivo, que culmina em 15 de maio de 1891 com a publicação da carta encíclica *Rerum novarum*, sobre a Condição dos Operários, do Papa Leão XIII, documento esse que inaugura o que será a *Doutrina social da Igreja* (MATOS;2006; p.81):

*§2. Em todo o caso, estamos persuadidos, e todos concordam nisto, de que é necessário, com medidas prontas e eficazes, vir em auxílio dos homens das classes inferiores, atendendo a que eles estão, pela maior parte, numa situação de infortúnio e de miséria imerecida... e assim, pouco a pouco, os trabalhadores, isolados e sem defesa, têm-se visto, com o decorrer do tempo, entregues à mercê de senhores desumanos e à cobiça dum concorrência desenfreada. A usura voraz veio agravar ainda mais o mal. Condenada muitas vezes pelo julgamento da Igreja, não tem deixado de ser praticada sob outra forma por homens ávidos de ganância*

*§10. Entre estes deveres, eis o que dizem respeito ao pobre e ao operário: deve fornecer integral e fielmente todo o trabalho a que se comprometeu por contrato livre e conforme à equidade; não deve lesar o seu patrão, nem nos seus bens, nem na sua pessoa; as suas reivindicações devem ser isentas de violências e nunca revestirem a forma de sedições; deve fugir dos homens perversos que, nos seus discursos artificiosos, lhe sugerem esperanças exageradas e lhe fazem grandes promessas,... Quanto aos ricos e aos patrões, não devem tratar o operário como escravo, mas respeitar nele a dignidade do homem, realçada ainda pela do Cristão. O trabalho do corpo, pelo testemunho comum da razão e da filosofia cristã, longe de ser um objeto de vergonha, honra o homem, porque lhe fornece um nobre meio de sustentar a sua vida. O que é vergonhoso e desumano é usar dos homens como de vis instrumentos de lucro, e não os estimar senão na proporção do vigor dos seus braços. O cristianismo, além disso, prescreve que se tenham em consideração os interesses espirituais do operário e o bem da sua alma. (LEÃO XIII; 1891)*

Apresenta inegáveis avanços tais como o *salário família*, *salário suficiente para ocorrer com desafogo às suas necessidades e às da sua família* (salário mínimo), o *direito de associação dos trabalhadores* em defesa de sua justa causa (criação do sindicalismo), estabelece que o *governo é para os governados e não vice-versa*, proteção ao trabalho dos operários, acordos salariais, etc. O Papa Leão XIII visava unicamente os *direitos inalienáveis* da pessoa do operário, do bem comum, mantendo-se equidistante do *liberalismo capitalista* e do *ideário socialista*. Com esse documento, foram sendo superados os resquícios do fundamentalismo, o movimento social foi incorporando coisas novas do mundo da industrialização, do proletariado, dos sistemas de produção. As celebrações litúrgicas tornaram-se mais participativas e principalmente o *movimento patrístico* recuou aos escritos dos Padres da Igreja revitalizando uma teologia esclerosada. (LIBÂNIO;2010;p.25)

Essa revisão histórica é possível graças aos conhecimentos disponíveis hoje mostrando formas diferentes de relacionamento com a realidade científica e outras. Cada uma dessas

orientações encara a *fé* à sua maneira e nenhuma é conservada; nenhuma coincide com a *fé* e nenhuma se conserva totalmente neutra diante dela; no entanto cada uma pode servir a *fé* mas também pode atrapalha-la. A *fé* não parece ser propriamente aquele salto temerário que desafia a generosidade do homem indo da totalidade do mundo visível ao *aparente nada* do mundo invisível e intangível, parecendo uma ofensa, já que exige hoje um comprometimento com o passado que é declarado válido para sempre. (RATZINGER;2005;p.41) Dessa forma fica uma pergunta: *Quem se dispõe a isso numa época em que a ideia da tradição foi ocupado pela ideia de progresso?*

Se no passado a *tradição*<sup>29</sup> representava o elemento protetor em que o homem podia confiar, hoje predomina o sentimento oposto, a *tradição* é para quem está preso ao passado, o *progresso* é quem vem a ser a verdadeira promessa, de modo que o homem procura se estabelecer no progresso racional. Se a *fé* passa a ser um escândalo, ela o é desde o princípio, pois esse é o caráter peculiar do *escândalo cristão*; portanto quando se fala em *fé* se fala em *fé cristã*, a qual não se preocupa apenas com a eternidade, antes ela tem a ver com *Deus* que está *dentro da história*, com *Deus como homem*(RATZINGER;2005;p.42), traz a *eternidade* para dentro do mundo, reduzido a uma escala humanamente possível, no alcance de nosso contato histórico revelado por aquele *judeu de Nazaré na Palestina*, no qual *Deus* mesmo vem ao *nosso encontro* (*Deus conosco*).

Hoje, no entanto estamos inclinados a considerar *realidade propriamente dita*<sup>30</sup> aquilo que temos diante de nós e que poderemos tocar e comprovar. Mas o que é essa *realidade*? Cientificamente a *comprovação* é apenas uma das maneiras de nos relacionarmos e entendermos a *realidade*, daí o uso de uma *linguagem* diferente, mas que não engloba a totalidade e pode ser em muitos casos mutável. Existe então a necessidade no *diálogo entre fé e razão*.

Nesse ponto o *cristão* pode colaborar com o diálogo, caminhando ao longo de suas experiências e significados com esse *humanismo* aberto ao *mais humano*, não tendo a dificuldade em reconhecer a *transcendência* de que falam os filósofos, julgando que seja importante que ela seja explicitada pela filosofia, não pensando na apelação imediata a *Deus*, mas seguindo tão longe quanto possível o caráter imanente e humano dos valores, pois o aspecto *transcendente* da *fé cristã* não violenta a dimensão humana: *Tão humano assim, só pode ser divino mesmo*. (BOFF;1998;p.61) Se o *humanismo* ajudou a atingir tal perspectiva, é fundamentalmente diferente da visão cristã de *transcendência*, pois essa *transcendência* tem uma realidade independente das realidades criadas, onde é *experimentada*, mas não totalmente identificada com elas. É a gratuidade de *Deus* que se deixa experimentar nas realidades humanas.(LIBÂNIO; 200;p.75)

A *fé cristã* no mundo hoje é chamada mais uma vez a ser *profética* e a *profecia* implica uma dupla ação: denúncia e anúncio. O único critério ético é o *amor* e nunca a vitória ou derrota e o *cristão* é chamado a voltar-se sobre si e perguntar-se sobre as *raízes profundas de sua fé* e a partir desse fato analisar criticamente o embate ideológico. O *destino universal* de todos os bens, a partilha, a distribuição, a preferência pela erradicação da pobreza e o pensar a política e a economia brotando da *fé cristã*, assim essencialmente comunitário, à solidariedade e à partilha.( LIBÂNIO;2010;p.138)

A *fé cristã* é chamada ao anúncio de uma nova forma de vida na sociedade. O *cristão* sabe que o *Reino de Deus* é a presença de *Deus na história*, não se reduzindo a nenhum projeto utópico político, mas o leva a mediar situações nas quais ele se faz presente, oferecendo um horizonte para imaginar uma alternativa ao presente: *ser solidário numa cultura individualista e anti-solidária*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visão panorâmica apresentada tem uma certa preocupação *antropológica* relativa ao pensamento cristão fundamentada na *patrística*, na *escolástica*, na *reforma protestante*, na *contra-reforma* e na *teologia contemporânea*. Aquele *Jesus de Nazaré*, inverteu todos os valores humanos: *não foram os discípulos que lavaram os pés do Senhor, mas é o Senhor que lava os pés aos discípulos*. Este é um motivo de escândalo e de incredulidade em todas as épocas, inclusive hoje<sup>31</sup>. A *inversão de valores* provocada implica na necessidade de uma atitude reflexiva fundamentada na *fé* pelos *discípulos de ontem e de hoje*, sobre a vida pessoal e comunitária. Na cultura moderna, essencialmente reflexiva e que não se contenta apenas com o recurso à tradição, mas pergunta sempre pelo *porquê de tudo*, também precisa ser submetida ao discernimento, pois as *questões atuais* que confrontam a *fé* são tão complexas que exigem reflexão elaborada e rigorosa. Essa *inversão de valores* continua *escandalizando*.

Qual é a *missão dos cristãos* frente a esses grandes desafios sociais de hoje? Para confrontar seriamente a *fé* com esses desafios é preciso colocar a *razão teológica* para funcionar, salientando a preocupação dos *pensadores cristãos* com o *problema antropológico e seus aspectos doutrinários*. Nisso se resume o Problema do Homem Contemporâneo e a resposta é justificada pela *fé* diante da pergunta-título. Necessário é ir aos fundamentos da *fé*, sobretudo num país como o Brasil em que é desejoso saber como a *fé* pode ser *fermento de libertação* para a massa de excluídos do sistema social. A inclusão da cultura na realidade social, então como é proposto leva a outras perguntas, *típicamente teológicas*, tais como: Que sinais de Deus estão presentes nessa ou naquela cultura? Como *inculturar* a linguagem e a prática cristã?

O resultado da reflexão proposta neste ensaio ajuda a responder também essas perguntas adicionais e praticamente a resposta é a mesma: *A inversão de valores exige fé e fé pede teologia*. Em primeiro lugar, a própria *fé*, que por sua dinâmica interna, *busca compreender o que crê*. Todo *crente* verdadeiro é também, e a seu modo, uma *espécie de teólogo*. A *teologia* é precisamente *a fé que deseja entender*, como a definiu magistralmente Sto. Anselmo. Sem o estudo, *a fé facilmente cai na cegueira do irracionalismo e na superstição, ou na miopia da superficialidade e do sincretismo religioso*. Portanto nossa cultura moderna, o Problema do Homem Contemporâneo *pede teologia*. A realidade social em que vivemos *pede teologia*.

## REFERÊNCIAS

- ARMSTRONG, Karen. *Uma história de Deus*. Tradução de Marcos Santarrita, revisado por H. Feist e W. Araújo. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- BÍBLIA HEBRAICA. Baseada no hebraico e à luz do Talmud e das fontes judaicas. São Paulo: Sêfer, 2006.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM, SI (Tehilim) 82. São Paulo: Paulus, 1980.
- BOOF, C. *Teoria do método teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BURROWS, E. *Some Cosmological Patterns in Babylonian Religion*. The Labyrinth. Londres: S. H. Hooke, 1935.
- CATÃO, Francisco. *Espiritualidade Cristã*. São Paulo: Paulinas- Siquem, 2009.
- CROSS, Frank Moore. *Canaanite myth and Hebrew epic*. Harvard University Press, 1997.
- DREYER, J. L. E. *History of the planetary systems from Thales to Kepler*. Cambridge, Great Britain: Cambridge Univ. Press, 1906.
- ELIADE, Mircea. *Mito do Eterno Retorno*. Cosmo e História. Tradução de José Antonio Ceschin. São

Paulo:Mercuryo, 1992.

\_\_\_\_\_. *Imagens e Símbolos*. Tradução de Sônia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GOODMAN, Morris et al. Primate evolution at the DNA level and a classification of hominoids. *Journal of molecular evolution*, v. 30, n. 3, p. 260-266, 1990. HOYLE, Fred; WICKRAMASINGHE, Chandra. *Evolution from Space*. London: Paladin, 1983.

JOÃO PAULO II. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2000.

LIBANIO, João Batista. *Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal-EST; Vozes, 2007.

LEÃO XIII. *Rerum novarum*. Carta encíclica. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1891.

LOPEZ, Carlos A. S. *Gravitação y Cosmologia: Del Gênesis al Apocalipsis*, cap I, p.11. Santiago do Chile: Editorial Universitária, 1978.

MATOS, Henrique C. José. *Eu sempre estarei convosco*. São Paulo: Paulinas- Siquem, 2006.

MONDIN, Battista. *O homem quem é ele?* Elementos de Antropologia Filosófica. Tradução da 2. ed. R. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrari. São Paulo:Paulinas, 1980.

MUSTO, Marcello. *Trabalhadores, uni-vos!*. Antologia Política da Primeira Internacional.. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o Símbolo Apostólico*, reedição da 10.ed.. São Paulo: Loyola, 2005.

RÖMER, Thomas C.. *A origem de Javé: o Deus de Israel e seu nome*. São Paulo: Paulus, 2016

SCHMIDT, Wilhelm. *The Origin of the Idea of God*. New York: Ernest Brandewie - Worldcat Librarie, 1912.

SHELER, Max. F. *A posição do homem no Cosmos*. Tradução da 1ª ed. portuguesa por Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2003

STORNIOLO, Ivo; BALANCIN, Euclides Martins. *Didaqué: o catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje*. São Paulo: Paulus, 2008.

## NOTAS

<sup>1</sup> Companhia das Letras.

<sup>2</sup> *Deísmo* é o conceito *natural* de Deus, o *Dieu-reloger*, perpetuado pelo *playboy iluminista e afetado* François Marie Arouet, vulgo *Voltaire*, atualmente bastante em voga, principalmente aqueles que se comportam como alguns partidos políticos brasileiros, *não estão nem a esquerda e nem a direita*, permanecendo sobre a *linha limite da separação*.

<sup>3</sup> Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina de 1965, por descobrir as atividades reguladoras no interior das células. Desenvolveu uma equação para relacionar as taxas de crescimento microbiano em um ambiente aquoso com a concentração de um nutriente limitante.

<sup>4</sup> É uma instrução religiosa, ou seja, o ensino oral da religião cristã, dos seus mistérios, princípios e código moral. A catequese é normalmente feita por um ministro autorizado pela Igreja, que também pode ser leigo, como preparação de crianças para a confissão e à primeira comunhão. Cada Catecismo foi escrito tendo um público determinado em mente, enfatizando mais este ou aquele aspecto da Fé, procurando sanar os erros mais comuns de seu tempo. Tradicionalmente, os Catecismos podem ser de três tipos: o Primeiro Catecismo, contendo uma apresentação extremamente abreviada dos pontos principais da Fé, frequentemente em forma de perguntas e respostas a memorizar. O objetivo deste tipo de Catecismo é a utilização em aulas de preparação para a Primeira Comunhão. O Segundo Catecismo, muitas vezes ainda em perguntas e respostas, porém mais aprofundado é destinado ao estudo de adolescentes. Para grande parcela da população católica esse “Catecismo” pode ser uma referência às enfadonhas “aulinhas” que tiveram, quando crianças e adolescentes, que na maior parte das vezes consistiam de atividades que lhes deixaram marcas ruins ou caíram no esquecimento. No Terceiro Catecismo se enquadra o Catecismo JOÃO PAULO II (2000), o mais recente, que favorece uma abordagem muito diferente nas aulas de catequese, que procura apresentar a mesma Fé de sempre, de uma forma mais atual, visando a eliminação dos erros do tempo presente.

<sup>5</sup> Algo semelhante ao conceito algébrico de Conjunto e Grupo, que é ensinado em Matemática para estudantes da 6ª série do Ensino fundamental, quando não antes para mostrar eficiência de programação.

- <sup>6</sup> Reino: *Animalia* (Metazoa) Filo: *Chordata*, Subfilo: *Vertebrata*, Classe: *Mammalia*, Ordem: *Primata*, Subordem: *Anthropoidea*, Família: *Hominidae*, Gênero: *Homo* (macho e fêmea), Espécie: *Homo sapiens*. O homem, os chimpanzês e os gorilas compõem a subfamília *Homininae*. A divergência entre os gorilas e os chimpanzês e homens ocorreu há 7 milhões de anos (é possível que tenha ocorrido há até 10 milhões de anos). O continente africano é o berço do homem. Em 1990, as análises de DNA concluíram que o parentesco entre homens e chimpanzês é mais próximo do que o parentesco entre eles e os gorilas e que, dessa forma, os chimpanzês deveriam fazer parte do ramo *Hominini*, com o homem sendo classificado no sub-ramo *Hominina* (humans/hominans, humanos) e os chimpanzês na sub-ramo *Panina*. HUMANO é o termo proposto para definir todas as espécies surgidas após a “separação” do ramo dos humanos do ramo dos chimpanzês. Incluiria, portanto, além do gênero *Homo*, os Australopithecus, os Parantropus, os Ardipithecus, os Keniantropus e, provavelmente, o *Orrorin* e o *Sahelanthropus*. Ver in GOODMAN(1990; p. 260-266)
- <sup>7</sup> Existem indícios arqueológicos que mostram nossos antepassados primitivos, o *homo neanderthalensis* realizando rituais funerários. A *incompreensão* associada a *consciência da morte* que leva ao medo, nos acompanha desde então.
- <sup>8</sup> *Numinoso*, do latim *omen* que forma *ominoso* de *numen*, então *numinoso*; um estado psíquico originário de *sensos numenis*, conceito de estabelecido por João Calvino (1509-1564) fundador do *Calvinismo*, o qual denominava em sua *Institution Christianae Religionis* de um *divinitatis sensus quaedam dividinum intelligentia* (uma percepção da divindade, certa intelecção do *nume* divino).
- <sup>9</sup> SCHMIDT, Wilhelm (1868-1954). Foi Professor nas Universidades de Viena e Freiburg e em 1906 fundou a revista *Anthropos*. Infelizmente, mais por preconceito (e o famoso modismo existente na Ciência) do que atenção a qualidade de sua pesquisa, essa teoria tem sido pouco discutida e muito rejeitada nos meios acadêmicos. Na verdade, ele provocou o confronto direto com os *evolucionistas*, acusando-os de falta de sensibilidade histórica. Mas a rejeição do *evolucionismo histórico* não parece ter sido proposta de um homem só, foi também rejeitada pelo cosmologista Fred Hoyle, não sendo alvo de críticas. (HOYLE, WICKRAMASINGHE;1983). A diferença de opiniões entre eles é que para uns basta a especulação lógica e bem fundamentada justificada até por achados paleontológicos e para Hoyle suas conclusões estão fundamentadas no *conhecimento matemático* da evolução do Universo e nas comprovações feitas observações diretas.
- <sup>10</sup> IA ou IAH e EL ou IL eram os nomes de divindades Assírio-Babilônicas. O nome de Deus nas línguas semitas é a composição de duas, assim, temos: ALAHA (em aramaico) = El + Iah; ALAH (em árabe) = El + Iah; ELOHIM (em hebraico) = El + Iah + im (*im* é indicação de plural). É interessante (e existe um motivo) ainda é observar que no hebraico, a forma utilizada é *sempre plural*, como se se referisse a dois deuses: EL e IAH (Energia e Vida). Disponível em: < [https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=El\\_\(deity\)&oldid=823123897](https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=El_(deity)&oldid=823123897) > Acesso em: 30 jan.2018). Ver Römer; 2016 p.33; Cross, 1997.
- <sup>11</sup> É um termo utilizado hoje pelos arqueólogos e historiadores para se referirem a pré-história, a história antiga e medieval da região compreendendo a Síria, Jordânia, Israel, Palestina, Líbano e Chipre. Termo geográfico impreciso que se refere, historicamente, a essa grande área do Oriente Médio ao sul dos Montes Tauro (na Turquia), limitada a oeste pelo Mediterrâneo e a leste pelo Deserto da Arábia setentrional e pela Mesopotâmia Significa à direção do sol nascente.
- <sup>12</sup> A ideia de *Deus* no ateísmo é fechada, só na aparência, pois é uma forma de o ser humano encarar a questão sobre a existência de *Deus* que pode vir a manifestar-se acompanhada de especial paixão. (RATZINGER;2005;p.78)
- <sup>13</sup> A Bíblia guarda traços da existência no *Levante* inclusive em Israel, de uma *pluralidade de divindades*, e de que o *Deus de Israel* cujo nome se pronunciava como YAHOU, YHWH transliterado YAHWEH ou Javé (YAHUA), não era de modo algum o único deus a ser venerado pelos israelitas. (RÖMER;2016; p.13)
- <sup>14</sup> O Livro dos Juízes, na Bíblia, antes do Reino Unido de Israel e Judá, as tribos israelitas viviam numa *confederação* sob líderes carismáticos ad hoc conhecidos como *juízes*. Por volta de 1020 a.C., essas tribos se reuniram para formar o Reino Unido de Israel e Judá, quando Samuel ungiu Saul, da tribo de Benjamim, como o *primeiro rei*. Disponível em: < <http://www.jewishvirtuallibrary.org/the-kings-of-ancient-israel->>
- <sup>15</sup> O *Deus* de Israel e Judá é compreendido a partir da transcendência do misticismo judeu proveniente do mito babilônico de *Marduc* e *Tiamat* que expõe o sentido intrínseco da civilização e que influenciou o povo de Canaã, que contava uma história semelhante sobre *Baal-Habab* (o deus da tempestade e da fertilidade) que é citado na Bíblia. A mitologia cananea conta uma batalha entre Baal e Yam-Nahar (o deus dos mares e dos rios) que viviam com *El* (casado com *Asera*, mãe dos deuses), o *Deus Alto* cananeu. Em Dt 32, 8 (Cântico de Moisés): *Quando o Altíssimo repartia as nações, quando espalhava os filhos de Adão, ele fixou fronteiras para os povos, conforme o número dos filhos de Deus, mas a parte de Yahweh foi seu povo, o lote de sua herança foi Jacó*. É fato que *Yhwh* (Yahweh) só se tornou o *deus de Israel* na virada do segundo século antes da era cristã, confirmado pelos *topônimos* israelitas, datando provavelmente do segundo milênio antes da era cristã. Esses *topônimos* refletem a série de divindades que estão ligadas principalmente à fertilidade e as atividades agrícolas. É bom lembrar também que *Israel* é basicamente uma federação de tribos autóctones a qual se juntaram os grupos humanos denominados pelos egípcios de *shasu* e *hapiru* trazendo em sua cultura a tradição da compreensão na existência de YHWH.
- <sup>16</sup> Em Semiótica, um nome é um signo em que o *significante é a imagem acústica da palavra falada* ou a *representação gráfica da palavra escrita*, e o *significado é conceito do objeto ao qual esta palavra remete*.
- <sup>17</sup> Ao examinarmos Gn 33, Jacob erige um altar para *El* em Siquém, mostra que existe uma tradição que se encontram nos clãs da época do segundo milênio antes da era cristã, imaginando assim que os *filhos de Jacob* tenham venerado em sua compreensão as várias manifestações de *El*, equivalendo a *Deus* ou mesmo YHWH. Encontram-se assim várias distinções do nome: *El Elion* (Gn 14), *El Roi* (Gn 16), *El Olam* (Gn 23), *El Shaddai* (Gn 28) como epíteto sacerdotal para YHWH; por fim *Aba* (Paizinho), a forma próxima ensinada por Nosso Senhor Jesus. O Papa Francisco sugere que o *nome de Deus* é *Misericórdia*.
- <sup>18</sup> O nome do deus de Israel é dado pelo tetragrama YHWH, pertence a um alfabeto consonântico. Devido as dificuldades de pronúncia, possivelmente provocada pelos dialetos locais, sábios judeus massoretas (guardiães) elaboraram um sistema de vocalização; acabando por inventar uma distinção entre o *que está escrito* e o *que se lê*, indicando o fato de ser *impronunciável*. No séc. XIII o padre dominicano Raimundo Marti usou a expressão *Yeh(ohuah)* (com vogais breves) que se difundiu principalmente nas traduções bíblicas, principalmente as Testemunhas de Jeová. A pronúncia que tem sido adotada principalmente na Bíblia de Jerusalém (1980; p.729) é a transliterada YAHWEH. Várias soluções para o problema etimológico do *nome de Deus* têm sido apresentadas, embora nenhuma solução predomine. Ver para isso o excelente Römer(2016).

- <sup>19</sup> Dois séculos depois de Platão e Aristóteles, tradutores gregos da Septuaginta, a primeira versão grega do Velho Testamento, enfrentaram um grande problema: um equivalente adequado para o nome hebraico usado para *Deus, Elohim*, poderia ser encontrado na língua grega? Os atenienses deviam ter necessidade de uma lista de tamanho equivalente às Páginas Amarelas para controlar as inúmeras divindades já representadas em sua cidade. Eles rejeitaram Zeus. Embora Zeus fosse chamado rei dos deuses, as teologias pagãs decidiram tornar Zeus filho de dois outros deuses, Cronos e Rea. Um filho de outros seres não pode igualar-se a *Elohim*, que é *incriado*. Os tradutores finalmente reconheceram o uso de *Theos* feito pelos três grandes filósofos acima como um nome próprio grego para o *Deus de Abraham, de Isaac e Jacob*. *Theos* neste uso especial, achava-se ainda livre da contaminação do erro! Eles o adotaram, assim como Paulo adotou *Theos* para as suas pregações e escritos no Novo Testamento.
- <sup>20</sup> A *liberdade* pode ser diferenciada do *livre-arbítrio* pelo fato de que, enquanto a primeira tem sua expressão no mundo externo, o último a tem no interior do indivíduo.
- <sup>21</sup> Infelicidade a propensão humana para a *violência* tem levado a crueldade religiosa, fazendo sucumbir e trazendo angústia diante das ameaças e diante das certezas religiosas (estabelecidas pelo homem)
- <sup>22</sup> Por exemplo, um número significativo de cristãos percebeu que as descobertas de Charles Darwin e sua Hipótese da Evolução não contrariavam a ideia da existência de Deus, portanto houve uma adaptação do *cristianismo* ao novo elemento científico; no entanto no *judaísmo* e no *islamismo* as novas descobertas científicas não abalaram suas preocupações acerca de Deus pois essa provinha de fontes diferentes, embora tenham sido afetados também pelo secularismo ocidental.
- <sup>23</sup> No entanto sua existência no Brasil permanece até os dias de hoje, aceita inclusive entre as forças socialistas e/ou de esquerda “ditas renovadoras”, mas que gostam de manter privilégios apenas para os membros de sua elite.
- <sup>24</sup> Robert Owen (1771 - 1858) um reformista social galês, considerado um dos fundadores do socialismo e do cooperativismo. Foi um dos mais importantes socialistas utópicos. O socialismo emergiu de uma combinação de doutrinas e experimentos sociais associados primariamente com pensadores franceses e britânicos especialmente Robert Owen, Charles Fourier, Pierre-Joseph Proudhon, Louis Blanc e o Conde de Saint-Simon
- <sup>25</sup> A organização abrigou, em seu seio, trabalhadores das mais diversas correntes ideológicas de esquerda: de comunistas marxistas até anarquistas bakuninistas e proudhonianos, além de sindicalistas, reformistas, blanquistas, owenistas, lassalianos, republicanos e democratas radicais e cooperativistas. (MUSTO; 2014;p.21-22)
- <sup>26</sup> O Estado toma o lugar da Igreja e os líderes absolutos as divindades. (MATOS; 2006; p.77)
- <sup>27</sup> Uma coletânea de 80 Proposições que refletem o pensamento da época em matéria filosófico-religiosa, condenando tais sentenças. Chama especialmente a atenção à última Proposição: *O Pontífice Romano pode e deve reconciliar-se e transigir com o progresso, o liberalismo e a civilização moderna* (80ª Proposição). O *Sillabo* nasceu de um modo nada perfeito e causa uma impressão estranha pela alternância de proposições de diferente significado e de importância variada, pela frequente passagem dos princípios magistrais a afirmações que podem ser chamadas com razão de banais ou até mesmo de caráter absolutamente contingente. O *liberalismo* não é condenado somente por suas doutrinas, que se referem as suas relações entre Igreja e estado ou por suas ascensões de natureza puramente políticas: o *Sillabo* condena sobretudo uma concepção de vida no sentido mais amplo da palavra, uma concepção que rejeita ou limita os direitos de Deus sobre as criaturas. Os católicos intransigentes julgavam que a condenação pontifícia se estendia a todas as formas de liberalismo, ou seja, que atingisse não só o liberalismo católico, o qual salvava os valores essenciais do cristianismo e estava animado pelas melhores intenções. Os radicais sustentavam que o *Sillabo* condenava de modo simples e sem equívocos todas as formas de liberdade, de progresso, ou seja, que rejeitava em bloco a civilização moderna, para concluir que a sociedade e a civilização moderna não tinham necessidade de bênção do poder. O Papa se separa do mundo civil.
- <sup>28</sup> Em 1910, o Papa Pio X impõe a todos os ordenados e sacerdotes um *juramento antimodernista*. (MATOS;2006; p.78)
- <sup>29</sup> Cuidado para não confundir *tradição* com *tradicionalismo*.
- <sup>30</sup> O efeito de crença das redes sociais como *Fake News* prova exatamente o oposto de nossa visão de realidade e comprovação, é a *falsificação* da verdade.
- <sup>31</sup> Papa Francisco. Disponível em:< <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-07/papa-francisco-angelus-fe.html>> Acesso em: 8 jul. 2018

## ABSTRACT

In the 1970s, the Latin American Episcopal Council (CELAM) education document on Catholic Universities urged a more prominent presence of theology and religious sciences inside and outside the University and a dialogue with the other sciences. In our time, it is necessary to emphasize the presence of the Catholic Universities in the wider social con-

text, responding to their challenges arising from the situation of injustice and the current issues facing faith, which requires elaborate and rigorous reflection. It is necessary to have a discipline that discusses the Christian anthropological problem and its doctrinal aspects by conducting the dialogue with the other disciplines, not remaining restricted to the students who are part of the 1st and 2nd academic semesters of the University.

**KEYWORDS**

contemporary man, numinous, sacred, faith, theology, modernity.

